
EDUCAÇÃO E PRÁTICAS DE EDUCADORAS NA PARAÍBA DO SÉCULO XX (1930-1945)

Charliton José dos Santos Machado
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
charlitolara@yahoo.com.br

Kalyne Barbosa Arruda
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
lynbarbosa89@gmail.com

Amurielle Andrade de Sousa
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Amuriellejp1@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, e tem como objetivo primordial discutir a interface entre mulher e educação na Paraíba do século XX, em especial, nos anos de 1930-1945, através das práticas e representações de educadoras. (MACHADO & NUNES, 2009).

Inscrito na abordagem teórico-metodológica da Nova História Cultural, o estudo em questão permite não apenas revisitar um determinado movimento histórico e social de uma época, através da configuração da atmosfera da respectiva sociedade, mas também resgatar, historicamente, registros, relatos e memórias relativos à educação do Brasil, bem como o desejo de explicitar as relações de gênero aí presentes.

O PORQUÊ DO SÉCULO XX

O século XX que, segundo Cambi (1999), “foi um século dramático, conflituoso, radicalmente inovador em cada aspecto da vida social: em economia, em política, nos comportamentos, na cultura.” (p. 509), foi palco de revoluções, guerras e ditaduras, de inovações tecnológicas e exacerbação do consumo, de enfrentamentos políticos entre a democracia e o totalitarismo, entre o capitalismo e o socialismo, de conflitos étnico-raciais, religiosos e de gênero, de exclusão de alguns segmentos da sociedade como as mulheres e os negros, entre outros.

Mas foi também espaço para avanços e conquistas em muitas áreas, para o surgimento de novos protagonistas na história como a mulher, a criança e o deficiente, o idoso. No

interior de tantas mudanças, a educação passa a ocupar lugar de destaque, ora como elemento de transformação e de abertura para novas possibilidades de pensar e viver, ora como instrumento de massificação e reprodução do *status quo*. Todavia, dentre os sujeitos emergentes que perpassaram a educação e a pedagogia no século XX, a mulher ocupa posição de destaque. Através dos movimentos feministas que, já no século anterior, debatendo-se entre o positivismo e o socialismo, buscavam estabelecer espaços políticos e sociais para as mulheres enfatizando o direito ao voto e à educação, puseram em foco para debate e reflexão as relações de gênero praticadas até então.

Nesse ínterim, vale destacar a participação da imprensa para corroborar a posição das instituições sociais responsáveis pela determinação do código de comportamento das pessoas, como Igreja e Estado, por exemplo. A sociedade utiliza-se de vários recursos para fazer as mulheres desistirem de lutar por seus direitos e influenciar a sociedade a reagir contra essa luta. A atuação da imprensa, nesse momento, é significativa, porque procura atingir a mulher pelo ponto em que ela demonstra mais fragilidade: a beleza. Era comum os jornais exibirem caricaturas de mulheres, enfatizando que a mulher desejosa de participar das decisões políticas e exigente dos seus direitos é feia, por isso não arranhou casamento, conseqüentemente torna-se descontente e frustrada e, vingativa, questiona sua condição.

O cenário paraibano não diferia do resto do país em termos de concretização de mudanças germinadas no século XIX, de posições antagônicas em relação à luta da mulher pela escolarização e pelo reconhecimento de seus direitos, bem como a participação da imprensa na divulgação dos valores instituídos.

O interesse ao explicitar as práticas das educadoras paraibanas e a educação no estado da Paraíba, no decorrer do século XX, bem como discutir as relações de gênero que perpassam esses processos é contribuir efetivamente para a construção da história da educação, da história da mulher e da história da leitura na Paraíba. Nessa perspectiva, este trabalho vai ao encontro do que Rosemberg (2002) constatou em pesquisa realizada a partir de dados da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), cujas informações estatísticas remetem à escassez de produção acadêmica voltada para a temática mulher e relações de gênero associadas à questão da educação. A autora lamenta que os acadêmicos da educação não tenham se dedicado a aprofundar o estudo de seu objeto específico associado à questão das relações de gênero:

[...] se o campo da educação não ignora a existência de um debate sobre gênero na academia, a produção discente pós-graduada em seu conjunto não mostra indícios de conformar um campo de conhecimentos estabelecido na disciplina. Considera-se, menciona-se, refere-se à ‘questão’ mulher/relações de gênero, mas a perspectiva de análise, por sua generalidade, pouco tem contribuído para compreender dilemas da educação brasileira. (ROSEMBERG, 2002, P.203).

Enquanto alunas do curso de Pedagogia e integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR-GT/PB)”, o que se deseja é contribuir com os debates, as pesquisas e os estudos sobre mulher, educação, e relações de gênero que vêm sendo desenvolvidas neste país, porque acredita - se que ainda há muitas lacunas, ainda há muito a ser dito nessas áreas e que a revelação de dados, documentos, fatos, práticas e representações irão dar visibilidade não só às mulheres, mas também às Ciências, às Artes, à Política e seus desdobramentos nas expectativas em relação aos sujeitos masculinos e femininos da sociedade paraibana no século XX.

AS CONTRIBUIÇÕES DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL

Foram utilizados documentos escritos, iconográficos e orais. Por essa perspectiva, buscou-se apoio metodológico nas contribuições trazidas pela *Nova História Cultural* que vêm proporcionar não só uma ampliação no conceito de fonte, como também na utilização que se pode fazer das mesmas, assim como surgiram outras perspectivas de problematização dos objetos de investigação histórica. Essa nova abordagem possibilitou a reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico como ângulos necessários e legítimos para a análise histórica; por outro lado, ressignifica a noção de tempo e de fato histórico, sugere uma história problematizadora, onde a compreensão do presente se dê pelo conhecimento do passado e o desvelamento deste se faça a partir das exigências daquele. Pois, segundo Reis (2000, p.32): “O presente liga-se ao passado e o passado ao presente de tal forma que o passado se torna presente e o presente imuniza-se contra a sua sorte que é se tornar passado.” Essa visão considera que a realidade é social e/ou culturalmente construída; o que era dado como imutável e estabelecido assume o caráter de “construção cultural”, redefinindo, assim, novas abordagens no campo da História.

Essas discussões e perspectivas apontadas pela Nova História têm fomentado a historiografia da educação, mais especificamente as reflexões da História Cultural (Michel de Certeau, Roger Chartier, entre outros), contribuem para a compreensão dos processos educacionais em geral e dos escolares em particular, o que tem resultado em avanços

significativos para a pesquisa educacional, em estudos mais instigantes. A ampliação das fontes se coloca como necessária para o conhecimento mais aprofundado de uma época, de um grupo, de uma dada sociedade, buscando apreender as tramas, as atitudes, as crenças e as tradições inerentes às práticas e às representações cotidianas dos modos de vida da realidade investigada.

Assim, cabe ao pesquisador, em face das fontes oficiais de que dispõe fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, ou seja, reler alguns tipos de documentos oficiais de novas maneiras, nas suas entrelinhas, julgando-se necessário não apenas colocar ordem no material pesquisado, mas também buscar caminhos para a organização da escrita dessa história vista de baixo. (BURKE, 1992).

Portanto, buscando recuperar a memória educacional paraibana, foi realizada uma identificação, seleção, catalogação e análise das fontes oficiais pesquisadas no arquivo histórico da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC – PB), para se obter dados informativos e factuais, através de referências mais diretas ao objeto estudado, fazendo uma releitura dos principais registros históricos.

Então, fundamentando-se nos estudos da história oral, recorreu-se a memória individual dos que conviveram com as educadoras Joana Carvalho Moreira e Irmã Severina Cavalcante Souto. Entre eles, realizaram-se contatos e entrevistas com familiares e os (as) ex-alunos (as) das educadoras: Francisco de Assis de Oliveira, esposo da educadora Joana Carvalho Moreira, H. A. M. M.; J. S. M. e M. J. M., dois ex-alunos e uma ex-aluna da educadora Joana Carvalho, respectivamente; M.E.U.Q, aluna da Irmã Severina Cavalcante Souto da escola em Pombal – PB e a entrevista concedida pela própria educadora Irmã Severina Cavalcante Souto.

Os relatos e narrativas dos entrevistados contribuíram, significativamente, para reconstruir a memória das citadas educadoras, aprofundando informações coletadas em uma riqueza de detalhes de momentos do cotidiano, condição que só mesmo a história contada através das narrativas é capaz de proporcionar.

Nesse percurso, a necessidade de ampliar informações referentes à vida das educadoras, mulheres ativas e participativas da construção da história de um determinado período, conduziu a pesquisadora de iniciação científica ao contato com alguns alunos (as) remanescentes das instituições onde as educadoras pesquisadas trabalharam por toda uma vida, buscando assim, promover uma aproximação relevante com as fontes orais. Portanto, faz-se necessário ressaltar que:

Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa de figurantes mudos que enchem o panorama da História e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes que outros, os que apenas escreveram a História. (DIAS, 1998, pág.11)

Nessa direção, realizaram-se contatos com ex-alunos (as) e familiares das seguintes educadoras: Joana Carvalho Moreira e Irmã Severina Cavalcante Souto. Dos (as) discentes e familiares encontrados, foram realizadas entrevistas com H. A. M. M.; J. S. M. e M. J. M., dois ex-alunos e uma ex-aluna da citada educadora, respectivamente; M.E.U.Q, aluna da Irmã Severina Cavalcante Souto, da escola em Pombal – PB, Francisco de Assis de Oliveira; esposo da professora Joana Carvalho Moreira e a entrevista concedida pela própria educadora Irmã Severina Cavalcante Souto.

Sobre os relatos dos (as) entrevistados (as), o primeiro depoimento traz à baila a trajetória de vida da educadora paraibana Joana Carvalho Moreira mais conhecida como Joanhina Moreira, enfatizando particularmente, sua formação e prática educacional no município de Alagoa Grande-PB.

Nascida em 04 de outubro de 1915, na cidade de Guarabira-PB, a citada educadora desde cedo migrou com a família para a vizinha cidade de Alagoa Grande – PB, movida pela necessidade premente de busca de melhores condições de vida.

Com relação às práticas de ensino adotadas pela educadora, os educandos revelam imagens da sua atuação, para eles simbolizada pela rigidez: É o que relata o ex-aluno J. S. M:

[...] rigorosa, era muito rigorosa. [...] eu fui muitas vezes de joelhos, claro porque eu bagunçava, eu não tava cumprindo com as metas dela. As metas era que a gente estudasse na hora de aula, ninguém é... Brincasse, filasse, não conversasse. (J. S. M., em 23/05/2009).

Nas lembranças do passado escolar, J.S. M lembra de forma específica, a utilização da palmatória, presente no cotidiano de alguns educadores, a exemplo de Joanhina Moreira:

Tinha palmatória. Muitas vezes eu levei muito bolo na mão, muitas vezes. Se não fizesse a tarefa, se tivesse brincando mesmo, qualquer coisa que tivesse fazendo fora da obrigação, tinha palmatória e, além disso, ela ainda ia atrás dos pais da gente pra fazer reclamação. (J. S. M., em 24/10/2009).

De acordo com familiares, a exemplo do relato de Francisco de Assis Oliveira, esposo de Joanhina Moreira, a educadora não cultivava este tipo de punição, “não tinha castigo não, o

castigo dela era fazer as coisas direito [...]”. (FRANCISCO DE ASSIS OLIVEIRA, em 06/10/2009).

Ressalte-se a disputa de memórias, a do aluno que atesta a vivência com os castigos corporais exercidos pela educadora e do esposo, contrapondo-se a essa narrativa do uso da palmatória nas práticas escolares de Joana Moreira. Segundo H.A.M.M., outro ex-aluno, a professora Joaninha utilizava a:

[...] palmada na mão de chinelo. Ela já bateu em minha mão. Pegava na orelha e puxava, ela colocava milho no chão. Eu já fui para o milho no chão de joelhos. Tinha uns 8 anos de idade, me lembro que estudei de 1º a 4º série. Agora eu bagunçava.

É importante observar nas falas dos ex-alunos algo comum, qual seja: assumir a culpa dos castigos corporais exercidos pela educadora, sob a alegação da desobediência, da “bagunça na sala”. Ou seja, há um romantismo nas falas, pois, apesar de receberem punições severas, aceitam como necessárias, pois, segundo seus relatos, havia motivos concretos para a aplicação da punição.

Apesar dos relatos dos castigos corporais, os alunos entrevistados relembram os bons tempos de aprendizado com a professora Joaninha Moreira: “antigamente, tinha mais respeito pelos professores. [...] o professor dava um grito no aluno, e aluno ali baixava a cabeça, respeitava”. (H. A. M. M. em 24/10/2009). “Era muito rigorosa, mas a única professora com quem aprendi foi com ela”. (H. A. M. M., em 23/05/2009). “[...] ela foi uma educadora muito, mais muito boa mesmo” (J. S. M. em 23/05/2009).

É relevante, também, ressaltar outras formas do processo de aprendizagem da época. Segundo relato de uma ex-aluna da professora Joaninha Moreira: “[...] aprendia a ler soletando, em voz alta: b – a: BA, b – e: BE” (M. J. M. em 06/10/2009). “A repetição e o recurso à memória constituíam a base do ensino, como ocorre nas sociedades onde predomina a tradição oral. O recurso à memória como a base do ensino, perdurou, na Europa, na escola típica do período medieval, onde os alunos repetiam juntos a frase dada pelo professor e realizavam o mesmo exercício até que o aprendessem de memória”. (ARIÈS, apud, GALVÃO, 1998, p. 185).

Os relatos de ex-alunos e familiares, de uma maneira geral, fortalecem a “boa” imagem da educadora na realidade local, fato concretamente evidenciado nas homenagens póstumas à educadora em uma rua pública e nas homenagens promovidas pela Câmara

Municipal de Alagoa Grande, em 1997, no Dia Internacional da Mulher. A Rua Joaquina Moreira, assim denominada pela lei 783/2003, está localizada no Conjunto Veloso Borges, no início da Praça Projetada, término na quadra A, por trás do BNB Clube, em Alagoa Grande.

Enfim, pode-se afirmar que a educadora é considerada incisiva nas suas atuações escolares, porém, condição justificada como necessária, como relataram os ex-alunos neste estudo. Por essa condição paradoxal: educadora rígida e amada, Joaquina Moreira se notabilizou na história escolar de Alagoa Grande. Nesse sentido, perscrutar sobre a sua contribuição através da memória de ex-alunos e familiares traz à tona, relevantes contribuições à historiografia da educação brasileira e, em especial, a paraibana.

Em relação a professora Irmã Severina Cavalcante Souto, foi analisada a sua história de vida, as práticas disciplinares e pedagógicas no ensino confessional da época, recuperando a memória do seu legado educacional e, conseqüentemente, contribuindo com a memória da recente Escola Estadual de 1º Grau Irmã Severina Cavalcante Souto, localizada no centro de João Pessoa - PB. A referida instituição escolar resultou da homenagem e reconhecimento da citada religiosa, homenageada como patronesse.

Nesse sentido, foi possível recuperar a história das práticas escolares confessionais, em épocas em que o ensino religioso configurava-se a “boa” formação na sociedade, em particular, da formação necessária ao feminino, através de um artigo elaborado sobre a educadora Irmã Severina Cavalcante Souto.

Portanto, com esta pesquisa, buscou-se configurar, não apenas os artefatos textuais, os livros, os jornais e os documentos oficiais, mas, principalmente, a história da educação da Paraíba e história das mulheres educadoras: sejam escritoras, professoras ou literatas, que contribuíram para a configuração intelectual de uma época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas realizadas com documentos oficiais e não oficiais, a exemplo dos jornais *A UNIÃO*, localizados na Fundação Espaço Cultural (FUNESC-PB) e no Instituto Historiográfico e geográfico da Paraíba (IHGP), indícios de educadoras e da educação paraibana, bem como a presença das suas práticas e suas representações, expressando entre outras questões, o ideário da escola nova e algumas idéias feministas da época.

Portanto, a reconstrução da história e da memória das educadoras que exerceram um papel determinante na sociedade paraibana no período analisado, revela uma complexa e

minuciosa tarefa de pesquisa, em constante restauração desse passado, haja vista a engenhosa tarefa de garimpar documentos.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história**. Tradução por Magda Lopes. São paulo: UNESP, 1992.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução por Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. (Encyclopaedia).
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2 ed. Tradução por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MACHADO, Charliton José dos Santos & NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Educação e educadoras da Paraíba no século XX: práticas, leituras e representações**. Vol. 1. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.
- REIS, José Carlos. Os Annales: a renovação teórico-metodológica e ‘utópica’ da história pela reconstrução do tempo histórico. In: SAVIANI, Dermeval et al. **História e história da educação**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados HISTEDBR, 2000.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação formal, mulheres e relações de gênero: balanço preliminar da década de 90**. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (Org.) *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: FCC; Ed. 34, 2002, p. 195-224.
- SOIHET, Raquel. **A pedagogia do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz**. In: *Revista brasileira de educação*, Campinas, SP: Autores Associados, n° 15, p. 97-117, set./out./nov./dez. 2000.

Fontes Orais

- Francisco de Assis de Oliveira, entrevista concedida a Kalyne Barbosa Arruda em 06 de outubro de 2009.
- H. A. M. M., entrevista concedida entrevista concedida a Kalyne Barbosa Arruda em 23 de maio de 2009.
- J. S. M., entrevista concedida entrevista concedida a Kalyne Barbosa Arruda em 23 de maio de 2009.
- J. S. M., entrevista concedida entrevista concedida a Kalyne Barbosa Arruda em 24 de outubro de 2009.
- M. J. M., entrevista concedida entrevista concedida a Kalyne Barbosa Arruda em 06 de outubro de 2009.
- Irmã Severina Cavalcante Solto, Entrevista concedida dia 1 de dezembro de 2009.

Irmã Severina Cavalcante Solto, Entrevista concedida dia 17 de novembro de 2009.

M.E.U.Q, aluna da Escola em Pombal, Entrevista concedida dia 21 de janeiro de 2010.